

Notas da Assembleia do Movimento Comunhão e Libertação em São Paulo com Olavo Gruber e Marco Montrasi – Maio 2018

Texto de referência: Um salto de autoconsciência,
J. Carrón (“Página Um”, *Passos*, abril/2018)

Olavo. Bom dia a todos. Vamos aproveitar este momento para colocar o que estamos vivendo, a experiência que estamos fazendo. Eu queria ler aqui alguns pontos que me chamaram a atenção neste trabalho da Escola de Comunidade sobre o texto “Um salto de autoconsciência”. No começo diz: “A certeza não vem à tona olhando a vida da janela, mas deixando-se desafiar” – para mim, essa palavra é o que mais me toca: desafiar – “por cada tremor de terra. Assim, todas as vezes que percebemos um baque do real, podemos reconhecer [reconhecer]: conosco está o Senhor do Universo”. Um pouco mais para frente, ele diz assim: “Tudo faz parte do caminho para conhecê-Lo. É só enfrentando [abraçando, aderindo] as dificuldades, os desafios, as circunstâncias concretas, que podemos reconhecer” – reconhecer para mim também é uma palavra forte – um Outro em ação. [...] Não é uma definição vazia, mas uma realidade tão presente, que se torna mais evidente quanto mais poderoso for o desafio”. Então, quero aproveitar para convidar todos a contar um pouco aqui – se houver perguntas, também – o caminho que estamos fazendo, partindo destas coisas que dissemos aqui.

Bracco. É sempre uma ocasião quando estamos em poucos, porque fica mais íntimo. E, depois, é uma ocasião como aquela de que ouvimos no começo dos Exercícios: podemos estar em muitos, mas é como se fosse só eu na frente dessa Presença. Para mim é sempre um desafio quando se começa um gesto assim, porque, de verdade, é a possibilidade dessa intimidade com Cristo, de poder estar na frente d’Ele, de poder perguntar a Ele, de poder colocar tudo o que eu sou, a urgência que eu tenho, a pergunta, aquilo que Ele está me dando a graça de viver, na frente d’Ele. Podemos estar em dois mil, ou em dois ou em um, mas é a graça dessa intimidade. Todas as vezes que nos encontramos é essa graça de poder encontrar-se com Ele, de estar com Ele, e abraçá-Lo, deixar-me abraçar por Ele.

Colocação. *Na Escola de Comunidade desta quinta, o Julián disse que o acontecimento de Cristo entra na realidade. Esta é minha pergunta, eu queria saber, ouvir um exemplo. Porque às vezes eu fico em dúvida se é algo da minha cabeça: o que é esse acontecimento que entra na realidade?*

Bracco. Quem quer tentar responder?

Colocação. *Não sei se respondo, mas vou contar a minha experiência nesse tema. Faz alguns anos que eu tenho pedido para não ficar vendo a vida pela janela. Que eu fique viva diante dos acontecimentos, me perguntando e verificando o que algo tem a ver comigo. Isto não é um trabalho fácil ou que eu saiba fazer, ou que alguém me explicou como tem que ser feito; isto não é uma coisa em que a gente fique especialista; parece que isso também acontece com a gente, se a gente se deixa educar assim. E aí me chama a atenção que o Carrón tem falado muito disso, que as nossas implicações são uma possibilidade, um sinal positivo, para o encontro, um novo encontro com Cristo. E eu tenho desejado isso, esse novo encontro. Daí nos últimos anos, por circunstâncias, voltei a frequentar a missa diária, tenho procurado rezar a Liturgia das Horas, o Angelus, coisas que a gente vai deixando de lado pela rotina atribulada. Indicações que Dom Giussani nos fazia, me fazia, no tempo em que eu era universitária, e isso ajuda a gente a crescer na familiaridade com o Mistério, sem dúvida. Sem dúvida! No texto “Um salto de autoconsciência” ele fala também do seguimento; não é uma formalidade, mas é um anseio, uma necessidade. E o que aconteceu foi que pouco a pouco eu fui me observando*

menos medrosa e temerosa diante das circunstâncias da minha vida, através das quais certamente o Senhor se aproxima mais de mim, ainda que eu não seja dócil... No trabalho, na minha escola, por exemplo, é sempre uma dificuldade. E aí, desde o final do ano passado eu estou fazendo esse tratamento para um tumor de mama. Quando eu recebi o diagnóstico, na missa do dia seguinte pensei que eu não tinha noção do quão pesada era a cruz de Cristo, porque parece sempre que eu já dei tudo o que eu podia dar, mas aí Ele sempre vem com uma novidade, um desafio novo, um jeito novo, na realidade, de se manifestar e pedir... e de ficar mais perto de mim. No dia em que eu recebi a primeira dose da quimioterapia, ao rezar o Salmo 120, aquele que está nas Laudes do sábado do nosso livrinho e diz que o Senhor não deixa tropeçarem os meus pés, fiquei muitíssimo comovida. Não estou medrosa, mas tenho medo, sim, da quimioterapia, de tudo o que vai acontecer com isso; é estranho ficar sem trabalhar. O que tem de novidade em eu ficar sem trabalhar é que há uma confiança; o que tem de novidade ao receber a quimio é que há uma certeza de que o Senhor não está me deixando tropeçar. Trabalhando sobre o texto “Um salto de autoconsciência”, cheguei a intuir, e disse aos meus amigos da Fraternidade que o Senhor foi me preparando, pessoalmente, na minha história – Dom Giussani valoriza muito e é muito verdadeiro para mim – para aliviar essas situações, o tratamento. E, do meu ponto de vista, as circunstâncias nunca são ideais. Então, são tantas as necessidades que vejo a todo momento, com o trabalho, as minhas filhas, o marido, a casa... Mas, ao contrário, elas são ideais sim, porque é ali que Ele está. E a gente vê, é visível lá em casa como as pessoas vão se transformando, cada um de nós vai se envolvendo nessa história. Aí, quando amigos que me querem bem me dizem: “Vai dar tudo certo”, ou “Isso vai passar logo, você vai ver”, eu intuo que já está tudo certo, não é que um dia vai dar, já está certo agora, porque é aqui que o Senhor está. E eu quero vê-Lo em cada situação deste ano todo, destes dias todos. Outro dia, na Escola de Comunidade, a gente ficou discutindo o trecho no qual Pedro disse: “Não, que isso não te aconteça, Jesus!”. E Jesus manda Pedro ir embora. Assim, claro que eu, humanamente falando, penso que isso não deveria acontecer comigo, mas não dá para não querer que o Senhor esteja perto de mim nestes dias, nestas situações.

Colocação. Há uns dois ou três anos eu tenho participado dos Exercícios da Fraternidade ajudando a organizar, dando a minha disponibilidade e ajudando no que a secretaria precisa. Só que este ano eu era responsável pelo serviço de ordem, e recebi o convite no dia do evento! Na sexta-feira fui muito bem acolhido pelo Bracco, que faz uma reunião com os meninos lá no dia. Só que eu não sabia o que dizer, porque nunca tinha feito aquilo, e a gente sempre desobedece aos meninos do serviço de ordem e nunca sabe o que eles têm que fazer. Então, para mim foi um grande desafio nesse dia. E, quando começou a sexta-feira, eu acabei perdendo praticamente toda a Introdução por ficar pensando em como organizar tudo, e assim me dei conta de que eu estava fazendo uma entrega, estava me entregando para aqueles meninos, e eu não queria que os meninos também reduzissem a participação deles por causa de um trabalho. Eu não queria que eles fizessem o trabalho para que saísse bem feito, só o trabalho pelo trabalho, porque eles estavam ali como eu, desejosos de fazer um encontro, de fazer a experiência da Fraternidade, de estar presentes, inteiros, naquele momento. E quando eu perdi a sexta-feira, eu fiquei pensando nisso. E foi um caminho muito bonito o que eu fiz com eles, porque eu me coloquei de uma forma a me entregar ao que estava acontecendo. Com certeza eu queria encontrar pessoas que eu não via fazia muito tempo, mas fazendo esse serviço eu fiz um outro tipo de encontro, que foi algo que eu nunca poderia imaginar, como encontrar pessoas que vieram de Manaus. E eu nunca esperaria encontrar aquelas pessoas e eu nunca esperaria crescer junto com elas. Então eu fiz uma experiência diferente de entrega e aprendi com eles a fazer uma coisa bonita, também por todos nós, por todos vocês, mas foi muito para mim mesmo, uma experiência de crescimento. Então foi muito gratificante, no final das contas, mesmo não sendo uma coisa que eu queria, ou que eu imaginava. E as coisas

foram se transformando no tempo, depois que eu disse o meu “sim”.

Bracco. Então, acho que eles ajudaram bem a entender essa pergunta de Cristo que entra na realidade, que o acontecimento é Cristo que entra na realidade. Porque essa pergunta é fundamental. É muito grandioso o que a nossa amiga diz, não? Como é possível ter essa letícia que ela conta? Não é possível. Ou é uma louca ou tem algo que irrompeu na vida – imprevisto, imprevisível, que não fomos nós que construímos. Que é como se, de repente, nos fizesse como que redescobrir o valor do nosso “eu” como único, como preferido, como amado. Esse é um acontecimento. Que características tem um acontecimento? A gente aprendeu, não sei há quanto tempo, mas depois, como falamos, damos por óbvio, a gente esquece. E como é bom, dentro da experiência, você chegar a um momento em que... “esse é o acontecimento”. É o que ela diz, não? É impossível não perceber uma presença dentro desses dias, quando você percebe que tem um vínculo. Por isso gosto sempre quando Dom Giussani diz coisas muito concretas para vermos o que significa. Por exemplo, quando te aconteceu uma coisa tão grande, ou você está com uma paixão tão viva, que quando acorda de manhã, naquela neblina dos pensamentos, ou tem que começar o trabalho... e de repente, pá! Encontra outra coisa que te coloca tudo numa outra ordem. Não mudam as coisas que você tem que fazer, mas você vive surpreso por uma presença que... quando você acorda de manhã. Isto fica visível se essa presença de Cristo começa a se tornar familiar. Mais do que com a pessoa amada. Se ela gera isso em nós, e nós podemos buscar em nossa memória quando ela faz isso em nós, é... é outra coisa também... na frente de algo que a gente não queria.

E na última Escola de Comunidade de Carrón, em certo ponto ele falou assim: “Quais são os traços que revelam que nós entramos nessa familiaridade? Quais são os traços que revelam que você está começando a entrar numa familiaridade com a pessoa? Que vocês não podem deixar de pensar nela. Memória. Que você não pode não desejá-la. Invocação. Que você não pode não sentir a maravilha na frente daquela presença. Um estupor que se traduz numa letícia por uma presença. Que quando você pensa nela, quando você a invoca, isso se traduz numa alegria dentro, porque essa presença existe. Em uma linha, Dom Giussani descreveu os traços dessa familiaridade quando começa. Você se dá conta de que reconheceu verdadeiramente uma presença porque exalta o seu coração. Porque você fica contente, fica feliz por que ela vive. Como quando você se apaixona e diz à pessoa amada: que legal, você existe! Porque se você não existisse, ou se eu não tivesse te encontrado, eu não poderia viver essa exaltação em mim, essa alegria, essa letícia.” Então, esta é a síntese do que é um acontecimento dentro da vida, dentro de um dia sem gasolina, da neblina, em que somos poucos, parece tudo menos... É feliz porque Ele vive na minha vida. Isso muda as circunstâncias. Não porque isso mude as circunstâncias: me muda dentro das circunstâncias.

Colocação. *A minha relação com Cristo é uma relação muito “conturbada”. Não são poucas as vezes em que começo a duvidar das coisas. E sempre que passo por isso, eu comento com alguém, algum amigo, e a resposta invariável é: “Não, mas imagina, isso aí...”. É como se tirasse o peso dessa dúvida, porque tem uma história por trás, tem mais de trinta anos, então eu consigo reconhecer que eu me fiz homem e minha família cresceu daí. Não dá para jogar isso fora. Então eu tenho um pedido muito grande: que de novo o Senhor, Cristo, me faça acreditar. Eu consigo perceber que eu sou muito eleito, que Ele vem sempre que eu peço, mas é como se eu ficasse ali na soleira da porta, não querendo me envolver com Ele. Então fica aquela briga, em que Ele quer vir e eu tenho dúvidas, aí não acontece. Mas sempre acontece alguma coisa. Nestes últimos tempos eu vivi uma experiência de missa muito bonita na minha paróquia, algo fora do comum, fora do Movimento. E aquilo começou a me comover: a beleza da missa, a homilia do padre, a beleza da igreja, as músicas; aquilo começou a me trazer de volta. E, depois, a oportunidade de ir à ARAL, depois a oportunidade de participar de uma convivência em Petrópolis, e por último os Exercícios da Fraternidade. E a Fraternidade para*

mim foi uma explosão. Como é que eu tenho certeza? Eu tenho certeza porque é uma explosão que me faz ir para frente no outro dia. E eu acho que isso não aconteceu largado, fora da história; é como se Cristo viesse desde aquela primeira missa, depois na ARAL, depois em Petrópolis, é como se estivesse me preparando para que o meu coração estivesse pronto para reconhecer. E isso é muito grande, porque você, na segunda-feira, quer encontrar, quer falar, quer aprofundar, quer alargar aquilo. Então foi muito bonita a última reunião do grupo de Fraternidade, porque ela é um lugar em que, quando estou nesses momentos, me pergunto: o que é que eu estou fazendo aqui? E eu me dei conta de que eu estava diferente, estava outro. A partir dos Exercícios, diante desse Cristo que me arrebatava, eu digo: vem! Porque toma conta de mim. Eu vou para o grupo de Fraternidade absolutamente diferente. O grupo é o mesmo, mas eu estou absolutamente diferente. Eu estou com a minha vida lá, eu estou propondo uma pergunta, eu estou querendo ouvir o que aquelas pessoas têm para me contar da experiência delas, então, para mim, é assim que acontece. Primeiro, é um amor que não me larga: quando eu quero ir embora, mesmo estando, Ele não me larga. Depois, é quase por insistência, que o meu coração não quer se abrir, mas Ele não me larga. Depois, o reconhecimento com uma certeza moral, um reconhecimento de uma coisa. E aí vem um ponto de encontro extraordinário que te vira do avesso. E essa coisa acontece, acontece e a gente vai. Vai e volta. E quem sabe não tem outra pessoa aqui que faz esse sobe e desce e diz: “Não, é possível”. É assim: eu só reconheci que não quero largar. Mais nada. Todas as outras estratégias não funcionaram.

Olavo. Estou muito marcado com o que eu li no início, porque, primeiro, eu percebo que as circunstâncias na nossa vida são um desafio. O que você disse sobre a segunda-feira vale para qualquer dia da semana ou qualquer momento: viver a realidade é um desafio. Abraçar o que acontece é um desafio. Mas, se eu olho para a minha experiência, me dou conta que eu sou eu, de fato, quando abraço o que acontece; não é uma coisa fora: é o que é. Na nossa Escola de Comunidade, colocamos algumas vezes que a conversação acontece nas circunstâncias – não é fora. Nas circunstâncias, abraçando o que acontece de positivo ou de negativo, seja o que for. É sempre uma coisa que eu tenho que descobrir, ali. E há duas alternativas: eu posso ser refém disso e deixar passar, ou eu posso estar inteiro nisso.

Então eu fico muito comovido quando eu escuto o exemplo de como a nossa amiga está enfrentando a doença. Porque ela é ela, mas para mim é outra pessoa. Ela era uma pessoa que tinha até um discurso interessante, mas hoje ela tem um olhar que não é dela. Por quê? Porque abraça o que acontece. E, quando vem alguém com uma resposta pronta, não corresponde! Não satisfaz! Para mim é assim.

Então, para mim é um desafio estar aqui hoje, sentado nesta poltrona; não faz parte do meu temperamento. Mas eu vou até o fundo disso, porque percebo que é assim que eu posso ser mais realizado, é assim que eu posso caminhar. Eu desejo isso, então, a experiência que eu faço não é nem cem vezes mais, é muitas, muitas vezes mais, esse acontecimento. A gente se dá conta de que Ele faz uma coisa que não está na minha medida. Não é minha medida. E isso tem gosto. Essa coisa tem gosto. A familiaridade tem um perfume. Então se trata de buscar essa coisa, esse autêntico – como você colocou – com esse coração. É ir atrás, é caminhar.

Bracco. Todos nós vivemos um pouco disso nas vezes em que decaímos um pouco essa capacidade nossa de atenção. Fiquei marcado com o que Carrón disse na Assembleia dos Exercícios sobre a razão afetivamente empenhada. Então vou retomar só aquele exemplo: “Suponhamos que Marcos e eu estejamos andando pelas calçadas de uma rua, porque Marcos me propôs um difícil problema e eu me esforço por dar-lhe alguns esclarecimentos. Ele está me acompanhando, e eu, sempre mais inflamado, sempre mais lúcido – pelo menos assim me parece – exponho-lhe as minhas razões. ‘Então, compreende?’ ‘Até aqui estou com você.’ Seguimos com os olhos fixos na calçada, discutindo. Mas, num dado momento, ele ergue o

olhar, enquanto do outro lado da rua passa uma linda garota; ele, sempre mais mecanicamente ‘Sim, sim’, fixando o olhar na bela silhueta e virando a cabeça enquanto ela se afasta; até que, retraindo o olhar melancolicamente quando ela desaparece no horizonte, volta a mim no mesmo instante em que concluo e lhe digo: ‘Então, Marcos, você concorda?’ E ele responde: ‘Não, não! Não estou convencido!’. É o delito que a maioria das pessoas comete perante o problema do destino, da fé, da religião, da Igreja, do cristianismo. A grande maioria o comete porque está ‘ocupada com seus afazeres’, porque tem o cérebro ‘morto e sepultado’ para estas coisas”. Não é que não acontecem coisas, é que às vezes a gente se deixa levar por uma distração. Podem acontecer tantas coisas entre nós, mas *eu* não estou, eu estou olhando para outro lugar.

Então, para mim essa coisa é muito legal, porque primeiro não temos que nos escandalizar, como você disse. E, segundo, como nossa amiga contou, ela disse: “Eu fui como que preparada”. Porque a gente não se dá conta, mas vivemos dentro de um momento que é um dos mais violentos que existem: violência contra o eu! Por que é o mais violento? Qual é a coisa mais perigosa para uma criança? Não se dar conta do perigo. E vive como se fosse nada, aí bota o dedo na tomada! Esse momento é violento porque nós, sem nos darmos conta, vamos nos acostumando a viver sem esse empenho, sem perceber a graça que temos toda semana, por exemplo, com um momento para retomar essa consciência, que é a Escola de Comunidade. Parece que uma coisa é igual a outra. Ah, se não vou é igual. Tem o fundo comum. Ah, tudo bem, vou lembrar... Tem a caritativa... Ah, tem alguns que fazem, fazem também para mim por reflexo... Estou dizendo que eu raciocino assim. A gente não se dá conta, mas não é que não acontece nada. Somos invadidos por isso. Então, se eu não estou dentro de um lugar em que constantemente, como Jesus fazia com os apóstolos, alguém diz: “Mas você não se dá conta? Mas você não se dá conta do que está acontecendo? Olha! Olha! Abra os olhos!”. Alguém que me torna de novo sensível, que me escancara de novo a razão. Sem isso, inevitavelmente a gente começa a se reduzir e achar que aquele tamanho reduzido é tudo. Por quê? Porque se o copo se reduz a um copinho, então com duas gotas você está satisfeito. Mas duas gotas... Aí a gente se acostuma a viver com o coração cheio de duas gotas. A não ser que alguém venha de novo e me escancare de novo.

É aquele exemplo que eu dei com os meninos, na Jornada dos Colegiais, de um papel amassado. Se a gente não faz nada, pouco a pouco o nosso eu vai se amassando, como um papel. Eu não percebo mais o valor das coisas e de mim mesmo, e trato tudo como algo que pode ser jogado fora. Isso acontece porque se perdeu a origem que dá a dignidade e os valores. Os valores por si não existem, mas existe alguma coisa que dá valor. Mas é a mesma coisa para nós: na nossa vida, com aquilo que amamos, e com as coisas que o Senhor nos dá para fazer exatamente esse caminho. Então, para mim, é sempre uma imagem da minha vida entre o sinal mais e menos. Nós temos que ver isso. A minha vida antes tinha muitos “menos”, depois “mais”, depois “menos”. Como se fossem os meus dias. Bota numa linha: aí você começa a ver que não é que somem os “menos”, mas eu começo a ver que tem um pouco mais de “mais”. Não é tudo “menos” como antes. Começam a aparecer mais “mais”. É isso o que temos que ver se acontece.

E essa nossa companhia estranha, que nos pede esse empenho neste momento tão violento, é para podermos começar a perceber isso na nossa vida. Então eu acho fundamental aquilo que você perguntou, porque é para nos ajudarmos a sempre fazer esse trabalho.

Colocação. *Depois de tanto tempo no Movimento nós estamos constantemente mudando o rumo das coisas, para podermos estabelecer um relacionamento com Ele, consistente, verdadeiro e contínuo. Desde que eu assumi essa nova função de professor, o mundo vai se revolucionando, os dias e as coisas vão mudando, “eu não nasci para isso”, “ou nasci”, é muito engraçado porque o ponto de partida para mim, obrigatoriamente, é que isso me foi dado, não fui eu que escolhi propriamente ser professor. E nesse semestre me puseram para*

dar aula no segundo grau. Se tivessem me consultado, e eu teria dito: “Não, absolutamente, eu não vou dar aula para crianças”. Mas na verdade isso que me foi dado. Eu sinto desconforto de trabalhar com essa idade, mas eles me puseram lá porque eu fiz Técnico em Química e eles têm uma grande deficiência de professores que tenham alguma prática em produção, de fábrica, que saibam, conheçam, já tenham manipulado equipamentos. Todo mundo é acadêmico lá, só sobre eu! Então, tudo o que é da parte prática eles empurram para mim. Eu acho bom, eu gosto, só vou dar aula em laboratório. E aí surge a dificuldade dos alunos. Aí, nesse tempo em que pensei em desistir, pensei: “Não, não pode ser verdadeira uma posição dessas. Porque, se Deus me pede isso, e Ele me deu isso, não fui eu que pedi, é para o bem. É para o bem”. Então eu comecei a olhar de uma outra forma: que aqueles meninos, aquelas meninas me foram dados para alguma coisa. Porque eu sou o que sou, eu não tenho as habilidades que eu acho que devia ter, mas tenho outras. Então, o meu papel aqui, mais do que ensinar é passar aquilo que eu sou. Então mudei um pouco a atitude diante dos meninos. Falei: “Vou ensinar a vocês um método, não vou ensinar coisas técnicas, mas um método: como é que se enfrenta a vida”. Aí comecei a fazer isso com eles, um percurso com eles, ajudá-los a aprender a olhar a realidade. Porque o laboratório em certo sentido é muito favorável para isso, eles têm que se observar em ação. E isso eles não sabem fazer. Então todo dia que eu vou para a escola, antes eu ia pedindo um milagre, agora não vou mais. Agora eu peço para ver o milagre, porque o milagre já está lá, eu é que não enxergo direito. E é interessante porque eu tenho toda vez que lembrar que essa presença que é objetiva, que me faz ver, reconhecer e viver com o coração cheio, dentro dessa dificuldade. Porque a dificuldade não é o oposto do que é bom, a gente sempre identifica dificuldade como coisa ruim, quer dizer, o que é bom é que é fácil, mas não é assim. O interessante é que eu me dou conta dessa presença depois, sempre, né? Parece o caminho dos discípulos de Emaús. Você está andando, ele está andando com você, mas você não o enxerga na hora. Você vai, e é depois que você vê. Aí você fala: “Nossa, é verdade!”

Bracco. E qual está sendo, então, o acontecimento para você?

Colocação. Pessoalmente Ele me diz: “Mas eu estou te dando isso para o seu bem, para que você seja verdadeiro, feliz, e encontre por que eu te pus aí”. Então cada passo que eu dou é como se uma presença concreta, que não é um fantasma, me fizesse ver que aquilo é bom, e fizesse arder meu coração. Quando eu vou lá, dou aula, vejo que eles fazem um caminho mais verdadeiro; que eu faço um caminho mais verdadeiro. Porque aquilo corresponde. Corresponde! Então, quando eu decido não ser tão técnico – porque o conteúdo técnico é vasto – mas estar com eles, isso é o mais verdadeiro para mim.

Bracco. Obrigado, parece mesmo um professor! Cada vez mais nestes anos é como se eu estivesse percebendo uma mudança. Porque antes tinham medos, como se fosse um véu de tristeza, como se as pessoas carregassem um peso dentro. Então eu me lembrei do que o Papa disse na última missa de Pentecostes: “De medrosos que eram, *com Ele*, se tornaram corajosos, *sem Ele*”. Aqui é preciso entender. Quando Ele estava presente lá do lado, eles tinham ainda como uma insegurança, uma falta de certeza. Mas quando Ele vai embora daquela forma, e deixa a presença d’Ele de outra forma, eles começam a sair, enfrentando os períodos mais duros, porque as perseguições mais duras começaram depois. Mas você vê nos Atos dos Apóstolos uma explosão de vida. Antes estavam com medo, *com Ele*. Depois, estavam cheios de vida, *sem Ele*. Mas cheio da experiência d’Ele. Da presença d’Ele. Porque Ele estava presente de uma forma diferente. Mas começou a entrar dentro da experiência. Eles, pelo Espírito Santo, começaram a fazer a experiência dessa *exaltação humana* que Cristo faz. Então, para mim, também depois dos Exercícios, ouvir tantos testemunhos é essa experiência. É como ver muitos “eus” que estão fazendo essa experiência, é perceber essa companhia. De

dentro da própria experiência. É uma coisa física, não é espiritual. Porque dentro de uma companhia limitada, frágil, mas onde eu faço a experiência dos traços únicos de Cristo. É que Ele não está mais fora, não está mais em um que eu estou seguindo, de fora. Não está mais em um olhar que eu preciso, que se não encontro, em uma mensagem que preciso pra me sentir preferido. Dentro da minha experiência, eu experimento uma preferência, porque ele me escancara a razão, me escancara o olhar, me deixa com menos medo na frente das circunstâncias que me dá para viver. Essa é a maior companhia. Que quando você experimenta, te tira o medo. E não é ser individualista ou espiritualista: é o contrário. É reconhecer que Ele está aqui dentro, me alcança dentro dessa companhia. Ele, único. E não posso mais deixar de pensar n'Ele, não posso não desejá-lo e não posso deixar de sentir toda a maravilha que se traduz numa alegria pela sua presença. Isso muda também os traços de uma comunidade.

***Colocação.** Eu fui criada como ateia; criada, ensinada mesmo. Devia respeitar as religiões, respeitar as crenças dos outros, mas sabendo que não existe assim. Isso pelo meu pai. Eu tenho uma tia catequista, do lado do meu pai, avó ministra da eucaristia do lado da minha mãe, mas fui criada assim, e para mim nunca foi um problema. (...) Ao mesmo tempo, tudo gera curiosidade, eu sempre fui muito curiosa em relação a religiões em geral. Eu morava atrás da igreja São José, do Jardim Europa, todos os meus amigos de infância estudavam no São Norberto e, portanto, iam à missa das 10h de domingo, que era a missa das crianças. E eu ia também, era programa da criançada. Eu, pela vizinhança, pela convivência com a Mônica e o Alair e com os meninos, acabei convivendo com vários de vocês. E eu gostava muito do que via. Daquilo que eu via, da convivência que tinha, da experiência de comunidade. (...) Eu não sei até que ponto as histórias particulares de cada um de vocês têm esse componente, ou têm essa proximidade com o ateísmo original, e para mim, eu gosto extremamente, já teve várias vezes em que eu disse assim: “Não vou mais à Escola de Comunidade”. E eu quero, é uma coisa que faz diferença para mim. Junto com o amadurecimento, eu estou procurando me tornar bem comigo mesma.*

Bracco. É interessante ver cada um, quando acontecem esses momentos. Nós não precisamos ter medo de que possa aparecer essa pergunta um dia. E onde nasce a minha fé? É como dissemos lá nos Exercícios. O que é a razão? O que é a fé? Pergunte ao outro de vez em quando, à queima-roupa. Aí você tenta perguntar, responder, sem lembrar a frase de Dom Giussani: “a tua experiência”. O que é a fé? O que significa ter fé? Sem ser ideológico. Ter fé para mim foi acreditar no que o outro me dizia. Eu vi alguma coisa que era muito fascinante. E não era porque aquelas pessoas eram boas. Mas me fascinava, comecei a ir atrás. E a coisa que mais me fascinou foi ouvir falar de João e André. Eu não fiz um percurso metafísico na fé, porque não me interessava. Não me interessava nada de Igreja. Se alguém tivesse me dito “Ah, você é ateu”, eu diria: “Não.” “Mas você tem fé?” “Não.” Era pior que um ateu, sabe? O nada. Que caminhava em busca de namoradas ou jogos de futebol. Este era o desejo. Mas quando ouvi falar de João, André, quando alguém me falou deles, e como eles ficaram ouvindo esse homem, daquilo que aconteceu com eles, daquilo que aconteceu naquela tarde, eles dois, quando um deles voltou para casa, abraçou a esposa, porque nunca se sentiu olhado assim, levado a sério assim. Nunca sentiu as perguntas do coração tão vivas, levadas a sério, vindo à tona. Eu senti isso acontecer em mim. Eu disse: “Eu quero ir atrás desta coisa que está acontecendo, porque é muito bom!”. Eu comecei a ler as coisas de João e André e aí comecei a ler o Evangelho, mas não porque queria ler o Evangelho: eu queria ler, conhecer essa história porque estava me acontecendo. Esse foi o percurso, para dizer em poucas palavras. Do meu “pseudoateísmo” até a minha fé. Mas é muito concreto, temos que ir lá no concreto. É dentro do concreto que podemos descobrir se é mentira ou não. Se existe uma presença ou não. Se há algo que muda a nossa humanidade aqui, ou não. Se é verdade que um cara foi crucificado, morreu e continua presente aqui, ou não. É dentro das histórias de cada um

que se pode verificar isso. É uma diversidade humana. É uma coisa que você não explica. Eu sempre me lembro de Dom Giussani explicando que é como se fossem muitas setas que indicam um ponto. Não tem um ponto. Mas para mim começou com uma seta, depois outra seta, depois outra seta... Aí chegou o momento em que havia *milhões* de setas me indicando um ponto. Um ponto que não se vê, mas que milhares de sinais me mostram que existe. Aí você começa a ver que não é uma história que está lá escrita no Evangelho, você começa a ver que está acontecendo hoje.

Estou falando da minha experiência. Primeiro, não ter medo, porque é bom que a gente coloque essas perguntas. Estamos vivendo um momento em que não podemos dar por óbvio nada. Porque os nossos filhos nos colocam em xeque todo dia e não podemos mais ir em frente com um discurso. Ou é dentro da carne, ou nós vivemos com fé, mas como ateus.

Colocação. *Eu fiquei doente nos Exercícios, e foi bem difícil, mas eu vi a primeira palestra e a síntese. E comecei a pedir, como que sussurrando, que Ele acontecesse, porque é como se esse acontecimento me tirasse até uma interpretação mesmo, possível. Mas a experiência que eu faço com o acontecimento é que é uma coisa inimaginável, que a minha vocação tem sido assim: a casa, as tarefas, o quarto, tudo, é como se fosse inimaginável.*

Mas eu queria dizer que a coisa mais surpreendente tem sido olhar para os Colegiais. Eu fiquei impressionada com a Escola de Comunidade deles ontem, com o nível de profundidade, de consciência das coisas. Então conto duas coisas que foram uma ajuda para mim. A primeira foi a experiência que eles fizeram de ter que ficar trabalhando nos Exercícios, que foi bem puxado. Um deles disse: “Mas como eu posso viver isso que me foi sugerido? Porque eu posso viver como uma obrigação, como uma coisa chata, ou de uma maneira em que dou tudo de mim mesmo. Como eu posso dar cada vez mais tudo de mim mesmo?” E eu fiquei com essa pergunta: “Mas quem se pergunta isso?... pela idade que eles têm!” Para mim é uma definição de obediência, até me ajuda a entender também a minha vocação. E depois uma menina que disse odiar lavar louça. Odiava. Ela tinha que lavar a louça, e sempre lavava a louça reclamando. E aí ela viu um vídeo em que uma menina, acho que da idade dela, dizia assim: “Se tem louça, é porque tem comida”. E que isso tinha sido para ela uma reviravolta de consciência, a ponto de ela entender até o gosto de lavar a louça e dizer: existe algo antes de mim. E ela falou da gratidão que ela está vivendo em toda a vida dela.

Eu agradei muito a eles, e olhar para eles me ajudou muito, porque essa formulazinha da louça – tem louça porque tem comida – me ajuda muito. Lendo o texto, eu entendi que a vida tem gosto se tem o eu, porque falamos até das matérias de que eles não gostam, das gostam muito, porque eles, se ajudando a estudar, começaram a gostar. E eu acho que esta é a fórmula da vida: se a vida tem gosto é porque tem o eu. Fiquei agradecida. Não sei se é isso a autoconsciência do eu, que é um gosto pela vida absurdo. Hoje eu acordei cedo para cozinhar e eu tinha esse gosto de falar: “Eu estou aqui”, estou feliz de cozinhar também.

(Notas não revistas pelos autores)